

Bandidos na Literatura Romana: A importancia das sátiras para uma abordagem histórica do banditismo no início do Principado

Bandits in Roman literature: the importance of the satires for addressing the question of banditry at the start of the Principality

Renata S. Garraffoni
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Fecha de recepción: 23.02.16
Fecha de aceptación: 31.03.16

RESUMEN

Para los historiadores de la época romana imperial que se ocupen de los bandidos y de los pobres en la sociedad romana desde el inicio del Principado, las sátiras son, sin duda, una fuente de información muy importante. Así, el objetivo del artículo es discutir el bandolerismo en la sociedad romana teniendo en cuenta el *Satyricon* escrito por Petronio y las *Metamorfosis*, cuyo autor es Apuleyo. Intento estudiar la relación entre historia y literatura, en especial su potencialidad para discutir modelos normativos sobre el pasado romano y buscar formas alternativas para reflexionar sobre masculinidades marginalizadas.

PALABRAS CLAVE: bandolerismo, literatura e historia, sociedad romana, sátiras romanas, masculinidades marginales

ABSTRACT

Regarding studies on bandits and poor people in Roman society during the beginning of the Principate, the satirical novels comprise a very important corpus of evidence. The aim of this paper is to focus on Petronius' *Satyricon* and Apuleius' *Metamorphosis* to discuss banditry in Roman society. I shall also discuss how literature can provide new insights to rethink marginalized masculinities in Roman society.

KEYWORDS: banditry, history and literature, Roman society, Roman satires, marginalized masculinities

1. INTRODUÇÃO

Desde a abertura política no Brasil, 1985, os Estudos Clássicos tem se renovado e se difundido no país. Tornou-se mais comum o desenvolvimento de pesquisas em História, Filosofia e Filologia greco-romano com parcerias com importantes centros de estudos europeus e, do ponto de vista da especialização, a fundação da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos) nos anos 1980 e a criação de um grupo de discussão na ANPUH (Associação Nacional de Professores de História) no início da década de 1990 permitiram que professores de diferentes áreas pudessem discutir propostas de desenvolvimento de trabalhos coletivos e que dessem visibilidade a área no país. Os resultados desses esforços foram positivos: hoje, no Brasil, há, nas principais universidades, especialistas de história antiga, com formação na área, além de vários cursos de latim e grego florescendo, permitindo que estudantes de História tenham uma formação interdisciplinar e acessem a documentação em língua original. Do ponto de vista da Filosofia Clássica, o campo também se expandiu, em especial no que diz respeito aos estudos de retórica, e a Arqueologia Clássica, embora ainda seja um campo com menos adeptos, também tem apresentado seus frutos, em especial com publicações e estudos mais aprofundados relativos a cultura material greco-romana presente em acervos de museus brasileiros (Garraffoni, 2015; Garraffoni, 2013; Garraffoni e Funari, 2014; Garraffoni, Funari e Pinto, 2010; Silva, 2010).

Comento brevemente esse histórico para situar melhor a reflexão proposta. A pesquisa que realizei sobre os bandidos no Império romano expressa bem esse contexto inicial da abertura política que mencionei (Garraffoni, 2002). Quando ingressei na Universidade Estadual de Campinas em 1993, já me interessava pelos estudos acerca da Antiguidade, mas o contato com o *Satyricon* de Petrónio, logo no início da graduação, foi decisivo em minhas escolhas. O professor Pedro Paulo Funari sempre incentivou que seus alunos e suas alunas estudassem o mundo greco-romano a partir de documentação original. Assim, tendo me encantado com a obra de Petrónio, o passo seguinte foi me dedicar ao latim no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade. Alguns podem estranhar ao notar uma sátira na bibliografia de uma disciplina de História Antiga, mas sua presença não foi ao acaso, mas sim, também, parte da perspectiva política adotada pelo professor Funari: além de incentivar a leitura de textos greco-latinos, Funari também nos incentivava a construir um olhar questionador sobre o mundo antigo e, nesse contexto, significava produzir reflexões não somente sobre as elites latinas, mas também focar nas camadas populares. E o *Satyricon* é bastante promissor nesse aspecto, pois, embora tenha sido escrito para os círculos letrados, sua linguagem cômica, repleta de personagens transgressores é, sem dúvida, uma obra que permite muitas abordagens. Nesse sentido, considerando o contexto político brasileiro, de abertura, de fortalecimento dos estudos marxistas a partir da nova esquerda inglesa, em especial com referências a Thompson e Hobsbawm e, também, um momento favorável ao desenvolvimento dos estudos clássicos com as reestruturações curriculares, pesquisar o cotidiano dos marginalizados e me especializar em estudos das camadas populares romanas, posteriormente, foi não só possível, mas quase que inevitável em um departamento que pretendia formar seus alunos e alunas a partir de um pensamento crítico.

De lá para cá muita coisa se alterou do ponto de vista das abordagens teóricas, mas voltar ao tema dos bandidos para esse dossiê é, sem dúvida, instigante, pois foi a base de meus estudos, que ao longo desses anos, se desdobrou em outras preocupações como aprofundamento nas teorias críticas, teoria da História, interdisciplinaridade, o lugar da tradição clássica no presente brasileiro, estudo das camadas populares, entre outros que tenho me dedicado nos últimos anos. Nesse sentido, optei, então, por retomar o tema

atualizando algumas discussões. Assim, o artigo está dividido em uma breve discussão historiográfica sobre os bandidos romanos, em seguida apresento documentação material para o estudo e discuto a importância da sátira nesse contexto para, por fim, apresentar, duas obras, o *Satyricon* de Petrônio e *As Metamorfoses* de Apuleio e explorar suas potencialidades. O objetivo dessas escolhas é, portanto, apresentar os debates e incômodos, com o intuito de refletir sobre as sátiras e seu potencial para pensarmos modelos interpretativos menos normativos acerca dos romanos e seu cotidiano.

2. BANDITISMO TEM ESPECIFICIDADE HISTÓRICA?

A possibilidade de se estudar o banditismo como um fenômeno histórico é relativamente recente¹. O que sempre me chamou atenção nessas discussões sobre o tema do banditismo como um todo é o embate entre norma e transgressão, talvez seja por isso que o livro *Bandidos* de Eric Hobsbawm (1976) publicado pela primeira vez em 1969, ou seja, logo após os embates de maio de 1968 na França, me chamou tanto a atenção no início das pesquisas. Essa obra é uma das primeiras a comentar acerca da diversidade de tipos de ladrões, dentre eles os chamados “bandidos sociais”, um tipo transgressor das normas, mas que não seria considerado criminoso pela população local. Hobsbawm situa esse tipo de bandido em um contexto rural e anterior a revolução industrial, faria, portanto, parte de organizações camponesas e seria uma espécie de rebeldes primitivos. No entanto, a maneira como argumentou foi duramente criticada. Partindo de premissas marxistas, o bandido social é definido como um grupo homogêneo que luta contra os opressores. Assim, ao mesmo tempo que romantiza o bandido, estabelece um processo de evolução no qual há formas mais e menos avançadas de lutas.

Apesar desses aspectos problemáticos, o modelo de Hobsbawm proporcionou debates sobre o tema, afinal, esse trabalho foi importante para os historiadores por vários motivos: é uma das primeiras pesquisas que trata a criminalidade como um fenômeno histórico e social, abrindo uma discussão sobre o lugar dos marginalizados em diferentes sociedades; além disso, trabalha uma diversidade de tipos de fontes como mitos, lendas e poemas, não muito usual na historiografia até então; por fim, e não menos importante, ao estudar a figura do bandido Hobsbawm se dedica aos camponeses e aos pobres excluídos, não se restringindo aos membros da elite.

Hobsbawm foi, seguramente, uma referência importante para o desenvolvimento de minha pesquisa naquela ocasião, pois o foco inicial estava mais centrado no marxismo, mas hoje, ao rever a problemática, acredito que não é mais possível pensar esse contexto deixando de lado o GIP (*Groupe d'information sur les prisons* ou Grupo de Informações sobre as Prisões), formado por Michel Foucault, Jean-Marie Domenach e Pierre Vidal-Naquet. Trago à tona essa questão no presente artigo, atualizando as minhas antigas discussões, pois o contexto de luta do grupo, entre 1970 e 1972, estava inserido nos debates das militâncias de esquerda francesas e o GIP trouxe, pela primeira vez, uma metodologia que permitia o conhecimento da população carcerária de dentro das prisões (Artières, 2014; Vieira, 2015). Embora o GIP tenha tido uma curta duração, Vieira (2015: 151) destaca dois pontos importantes que acredito serem imprescindíveis para a análise que proponho nesse novo momento: a entrada das prisões na discussão da imprensa e temas de programas das rádios francesas e a problematização dos discursos políticos mais tradicionais da esquerda francesa ao estabelecer uma diferenciação entre proletariado e “lumpenproletariado”. É

1 Apresento aqui as principais correntes de interpretação. Para uma discussão mais detalhada, cf. Garraffoni, 2002, 19-39.

exatamente esse o ponto que os marxistas e demais estudiosos, mais tarde, criticarão no trabalho pioneiro de Hobsbawm.

Tanto Artières (2014) como Vieira (2015) apresentaram em seus trabalhos as inovações que o GIP produziu a partir da ideia na qual a revolta nas prisões eram inevitáveis, mas isso não significava que a revolução seria sua consequência, dividindo e problematizando as posturas dos intelectuais naquele momento. Polêmicas com Satre, por exemplo, foram bem conhecidas, indicado que os intelectuais se aproximavam cada vez mais das prisões e tornaram a criminalidade passível de estudos, buscando pensar o lugar violência e da transgressão política no momento posterior a maio de 1968.

Seria possível falar pelos prisioneiros ou deixar com que falassem por si mesmos? Esse debate e a crítica ao regime das prisões naquele contexto levou não só Foucault publicar, anos mais tarde, *Vigiar e Punir*, como também problematizou os movimentos sociais, as formas de militância, novas formas de relação entre teoria e prática (Vieira, 2015: 159). Além disso, acredito que o fato de intelectuais de diferentes lugares de fala estarem presentes nos debates, entre eles Vidal-Naquet, helenista já consagrado na ocasião, deixou evidente a urgência de pensar a historicidade dos fenômenos sociais que levaram às diferentes formas de transgressão e suas formas de punição. Teríamos, portanto, um contexto político e cultural propício a explorar o mundo das prisões, torturas e transgressões.

E justamente nesse meio intelectual de discussões acirradas e novas formas de militância que surgiram as críticas a Hobsbawm e as reconsiderações que esse mesmo fez ao seu trabalho. O fato é que, em meio a essas críticas ao trabalho e reconsiderações surgiu, entre os historiadores, esse campo de investigação, tornando a criminalidade objeto de pesquisa em diferentes períodos, não só na contemporaneidade.

Se focarmos no campo da Antiguidade Clássica, mais especificamente na área de estudos sobre o Império Romano, nota-se, entretanto, que os estudos sobre o tema não foram muito difundidos em um primeiro momento. Em geral, os bandidos romanos foram tratados como curiosidades. Veyne (1990) comenta sobre as pilhagens do exército, Grimal (1981) menciona os banhos públicos como lugares nos quais ocorriam pequenos furtos e menciona a arena como lugar de punição dos bandidos. Embora esses autores dediquem apenas algumas linhas ao tema, essa atitude acabou se tornando a tendência entre os historiadores e foram poucos os que desenvolveram o tema de maneira mais aprofundada.

Wiedeman (1995; 1996) é um dos primeiros a desenvolver argumentos de maneira mais sistemática somente na década de 1990, mas deixa claro que o tema é um desdobramento de seu foco principal: a arena romana. Para o estudioso, a arena é um lugar de lei e ordem, um contexto masculino ligado à atividade militar e a violência e, portanto, o lugar apropriado para a punição de criminosos e daquelas que não seguiam as leis romanas. Os bandidos e criminosos são mencionados no seu modelo interpretativo por que seriam a oposição ao *ethos* romano. Assim, Wiedeman constrói um modelo normativo em que romanos da elite e virtuosos se contrapunham aos bárbaros e criminosos. Esses últimos teriam, na arena, sua única possibilidade de redenção: se lutassem bem poderiam ser perdoados de seus crimes. Sua análise, embora seja baseada em uma diversidade de documentos escritos e cultura material, acaba por construir tipos ideais que reforçavam a identidade romana diante daquilo que era considerado infame. Assim, diferentemente de Hobsbawm que em alguma medida constrói a transgressão como subversão, Wiedeman evoca os bandidos para sustentar seu modelo de manutenção da ordem. Em outras palavras, é possível afirmar que para Hobsbawm os bandidos são transgressores por excelência e para Wiedeman são figuras fundamentais para a manutenção da ordem e *status quo* da elite.

Optei por apresentar essa contraposição aqui, mesmo que brevemente, pois entre os estudiosos do contexto romano predomina a ideia na qual os bandidos precisam ser

punidos para manutenção da lei e ordem imposta pelo império. Wallace-Hadrill (1996), por exemplo, aposta na oposição virtude e vício para definir os romanos de maneira muito semelhante a Wiedeman e sua perspectiva de fama e infâmia. Nesses modelos, portanto, os bandidos não são estudados enquanto sujeitos históricos, mas sim mencionados como aqueles que devem ser punidos para a manutenção da ordem.

Mas e as ideias de Hobsbawm, o marxismo ou mesmo as discussões do GIP, elas não atingiram os estudos sobre Roma? Hooff (1988) e Shaw (1991) dialogam de alguma maneira com a obra de Hobsbawm e, portanto, com o marxismo. Ambos se baseiam na literatura latina como fonte, buscam descrever o que seria “o verdadeiro bandido romano”, concordam que o tema tem relevância para uma História Social de Roma, mas divergem um pouco na apresentação dos resultados. O primeiro se detém aos bandidos rurais como Hobsbawm e argumenta que seriam símbolos de catástrofe, de mudança na sociedade. Já o segundo, se pauta na literatura, mas conclui que os bandidos agiam de forma individual, na sua base seriam ex-soldados e pastores. No entanto, ao se referir aos desertores, Shaw afirma que eles tinham sim um campo de ação na sociedade e enfrentamento das normas e poder. Assim, diferentemente de Wiedeman e Wallace-Hadrill, os bandidos, na leitura de Shaw, agiam, tinham contatos para vender seus produtos roubados e enfrentavam as normas. O que o aproxima e afasta de Hobsbawm: aproxima por focar em suas formas de ação e afasta na medida em que não considera um fenômeno coletivo de sociedades mais primitivas, atualizando as críticas recebidas por Hobsbawm. Shaw é, também, mais cuidadoso ao problematizar a documentação: afirma que sempre são produzidas pelos membros das elites (sejam elas leis como literatura); a partir delas não isola radicalmente os bandidos da sociedade romana, uma vez que considera que teriam que repassar os produtos de seus roubos e afirma que, em alguns casos, podem ser protegidos por homens poderosos.

Esses aspectos analisados por Shaw nos trazem, portanto, dois elementos que precisamos problematizar para estudar a criminalidade no mundo romano. Em primeiro lugar, definir a documentação e elaborar uma crítica a suas formas discursivas e, em segundo lugar, na esteira das discussões do GIP e suas críticas aos que enxergam o crime como forma de revolução, buscar um modelo interpretativo mais balanceado, ou seja, que não silencie a presença do bandido e nem romantize suas ações. Esses desafios, acredito, são fundamentais para avançarmos na discussão. Assim, a seguir discuto a questão da documentação para, por fim, propor algumas leituras possíveis do fenômeno a partir das sátiras.

3. DAS DIFICULDADES PARA SE DEFINIR A DOCUMENTAÇÃO

Do ponto de vista de um estudo histórico sobre o banditismo romano, a escolha da documentação é, sem dúvida, um momento delicado. Pouco sobrou a cerca do cotidiano dos roubos, seja daqueles que os cometiam, seja das vítimas. Das pesquisas que pude realizar, fica bastante evidente que parte da documentação se refere mais a Antiguidade Tardia, tanto o que chegou até nós pela cultura material², como pela própria compilação do *Digesto*

2 Do ponto de vista da cultura material, por exemplo, Funari (2002: 51-54) chama atenção para alguns documentos epigráficos encontrados em Bath, na Inglaterra. O pequeno *corpus* publicado por Funari consiste em três placas votivas dedicadas à deusa Sulis-Minerva, encontradas nas escavações das termas romanas na cidade britânica e datadas entre os séculos III e IV d. C. Todas elas se referem a pedidos à deusa para que os ladrões devolvam os pertences roubados. Funari (2002: 53) destaca alguns pontos importantes que podemos perceber a partir dessas placas: 1) as placas estavam dedicadas a uma divindade sincrética – Minerva, deusa romana da sabedoria e Sulis, divindade local – 2) os textos latinos possuem escrita cursiva

de Justiniano³. Isso traria, portanto, um problema que aparece, em parte, na historiografia sobre os bandidos romanos: os lapsos temporais e a dificuldade de se estabelecer uma narrativa linear. É por essa razão que o recorte da pesquisa está na contraposição de duas obras com teor satírico, o *Satyricon* e as *Metamorfoses*, pois além de constituírem um tipo de narrativa que causa o riso e tem aspectos em comum, são próximas temporalmente, se comprarmos com outros tipos de textos ou mesmo com a cultura material⁴.

O *Satyricon* é datado de meados do século I e as *Metamorfoses* do início do século II d. C., além do humor já mencionado, ambas obras apresentam os bandidos e ladrões em diversas situações cotidianas. O *Satyricon* está envolvido em mais polêmicas que as *Metamorfoses*, pois pouco se sabe sobre seu autor, Petrônio, alguns afirmam que seria o árbitro da elegância descrito em Tácito, outros afirmam que é quase impossível saber quem foi especificamente, mas admitem que seria alguém ligado a corte de Nero (Gonçalves, 1996). Já Apuleio, autor das *Metamorfoses* tem biografia mais conhecida. Proveniente do norte da África e tendo ocupado vários cargos públicos, sabemos mais detalhes de sua vida por ter escrito outras obras, em especial *Apologia*, sua defesa contra a acusação de ser praticante de magia. As obras são escritas em prosa, mas chegaram até nós em condições distintas, por isso acredito que antes de fazer uma análise propriamente das referências sobre os bandidos seria interessante comentar alguns aspectos de suas narrativas.

4. PRINCIPAIS ASPECTOS DO SATYRICON DE PETRÔNIO E DAS METAMORFOSES DE APULEIO

Conhecer a estrutura das obras literárias é fundamental para aprofundarmos a análise sobre quais aspectos nos trazem acerca do banditismo e, também, permite pensarmos como

nova e antiga, o que permite datar aproximadamente quando foram escritas, 3) das 130 placas encontradas, nota-se que poucas possuem letras semelhantes, o que nos leva a crer que não eram feitas por profissionais, mas sim a próprio punho, 4) a escrita e o tipo do latim, aliado ao tipo de objeto roubado, indica a procedência humilde das pessoas que fizeram os pedidos a deusa. A partir dessas considerações de Funari percebemos que o linguajar das maldições não poupa ninguém, como as vítimas não sabem quem cometeu o roubo, pedem para que a deusa puna o autor do crime, seja ele homem, escravo, livre ou mesmo mulher. Além disso, Funari também destaca que os nomes são todos de origem étnica celta, o que significa que mesmo que as placas votivas tenham sido escritas em latim, as pessoas que as fizeram tem origem nativa. Linguagem coloquial e objetos de sua cotidiano, como sandálias e mantos, indicam que os roubos acometiam as camadas populares e as maldições a quem realizou o crime era uma forma de lidar com o fato. Embora bastante intrigantes, essas maldições são de período mais avançado do império, como mencionei, séculos III e IV d. C. Esse descompasso entre a cultura material e o período que gostaria de estudar, o início do principado romano, era constante no momento que fiz o levantamento da documentação e ainda continuar sendo uma das dificuldades de se trabalhar com o tema. Nesse sentido, a literatura acabou me fornecendo um *corpus* mais delimitado temporalmente para o objetivo proposto, por isso acabei me detendo mais aos textos que a cultura material na ocasião da pesquisa.

3 Sobre a importância das sátiras para o estudo do banditismo, cf. Cloud (1989).

4 Recentemente notei que a *Priapeia Latina*, coleção de poemas dedicados ao deus Priapo e datada do período do final da República e início do Principado, a figura do bandido é bastante recorrente. Em um rápido levantamento pude perceber que o termo *fur* aparece em cerca de vinte poemas, muitas vezes relacionadas às mulheres de maneira direta ou indireta, pois essas também poderiam ser punidas pelo deus por seus roubos. Insisto aqui na importância de um estudo mais detido sobre o roubo na *Priapeia*, pois essa é uma das poucas obras que permite perceber a relação das mulheres com o roubo. É importante ressaltar que na grande maioria das obras as mulheres estão ligadas a outros tipos de crimes, como o adultério, por exemplo, mas as referências na *Priapeia* permitem explorar um aspecto pouco estudado na historiografia, revendo a percepção na qual o mundo dos roubos e furtos seria exclusivamente masculino. As novas perspectivas dos estudos de gênero e história das mulheres seguramente podem trazer um aporte teórico-metodológico para pensar o fenômeno na sua pluralidade, pesquisas, portanto, a serem feitas.

a sátira, apesar do humor e dos exageros inerentes ao gênero, nos remete à complexidade das relações sociais e culturais que o tema expressa. Para tanto, retomo as considerações Hägg (1991) e Skies (1975)⁵. Ambos afirmam que tanto as *Metamorfoses* como o *Satyricon* possuem um aspecto realístico e cômico e, também, reconhecem que as obras foram escritas para serem recitadas e indicam que, apesar de serem expressão da sociedade romana, apresentam características típicas do romance grego, pois defendem que não é possível escrever *ex nihilo*.

Esta perspectiva de análise é apresentada de forma mais ampla em um estudo de Walsh (1995), no qual discute aspectos da teoria literária cômica e enfatiza as contribuições particulares e originais de Petrônio e Apuleio para o desenvolvimento do gênero. Este trabalho enfoca, principalmente, a intertextualidade, isto é, Walsh procura demonstrar em quais obras e pensamentos Petrônio e Apuleio se inspiraram para formar as narrativas de seus romances e as influências que elas exerceram sobre os autores espanhóis posteriores, em especial os dos séculos XV, XVI e XVII, ao escreverem suas novelas picarescas e de cavalaria.

Por meio dessa perspectiva, entendo o *Satyricon* e as *Metamorfoses* como obras distintas, com técnicas narrativas, enredo e temas singulares. No entanto, sigo a premissa de Walsh quanto suas afinidades: ambas obras são satíricas, estão relacionadas à ficção grega, apresentam poesias e paródias de outros estilos literários, além de possuírem elementos da cultura romana, dando origem ao romance picaresco e as narrativas de aventuras de anti-heróis.

Walsh, assim como a maioria dos latinistas, acredita que nas obras satíricas não está presente a intenção de ridicularizar os grandes escritores, as analogias às obras famosas ajudam a proporcionar uma maneira elegante de entretenimento para um público educado e culto (Townend, 1996: 922). No caso do *Satyricon* e das *Metamorfoses*, é importante destacar os elementos comuns com a ficção grega: presença do amor moral entre jovens que enfrentam uma série de dificuldades para evitar a separação, aventuras ao longo das viagens, temas eróticos e histórias horripilantes e de terror.

Dentro desta perspectiva, o *Satyricon* teria como motivo central a viagem e as aventuras do protagonista Encólpio e, paralelamente, o desenvolvimento de cenas que retomam o romance de amor, uma vez que este personagem, juntamente com Ascilto e Gíton, formava um triângulo amoroso repleto de intrigas por ciúmes e marcado por uma série de encontros e desencontros. Além destes traços de origem grega, Walsh também explicita a presença de elementos latinos e da tradição literária romana nos escritos de Petrônio. Em primeiro lugar, Walsh afirma que há semelhanças com Varrão na maneira de organizar o texto, ou seja, Petrônio utiliza, para compô-lo, uma mistura de prosa e verso (Walsh, 1995: 22). Um segundo aspecto que não pode ser menosprezado, segundo Panayotakis, é a presença de elementos do teatro de mímica: em todo o romance encontramos temas de origem popular e a linguagem é coloquial; os personagens quase sempre falam o *sermo humilis* (Panayotakis, 1995).

Já no caso das *Metamorfoses*, sua genealogia é mais clara, pois as raízes gregas são bem mais profundas. Apuleio constrói sua obra a partir de um romance grego cômico e, para adaptá-lo de acordo com sua visão de mundo, utilizou uma outra linguagem, introduziu novas histórias e elaborou um novo final no qual o protagonista se iniciava nos cultos à deusa Ísis, indicando um desfecho feliz.

A retomada de características gregas e a inserção de valores romanos em ambos

⁵ Os aspectos das obras discutidos e elencados nesse item foram desenvolvidos de forma mais ampla em Garraffoni, 2002: 47-82.

romances indica que tanto Petrônio como Apuleio possuíam preocupações semelhantes: ao elaborarem suas sátiras, fizeram muitas paródias e inseriram suas críticas a sociedade à que pertenciam e, ao mesmo tempo, apresentavam uma diversão de maneira sofisticada. Nesse sentido, os autores constroem suas narrativas mesclando as características gregas com elementos romanos de seu cotidiano. Seus estilos, embora apresentem particularidades, colaboraram para o desenvolvimento de um novo gênero literário, a sátira latina. Concebidos para divertir, estes textos eruditos e complexos são também expressões da maneira como ambos sentiam e pensavam a sociedade em que viviam e colaboraram para a construção de uma série de imagens sobre a vida cotidiana durante os séculos I e II do Império Romano, entre elas a dos bandidos, que exploraremos a seguir.

5. SOBRE OS BANDIDOS E AS SÁTIRAS DE PETRÔNIO E APULEIO

Blánquez Pérez (1986; 1987) destaca que há mais de cinquenta tipos de crimes ou transgressões apontados no *Satyricon* e nas *Metamorfoses*, como por exemplo, envolvimento com práticas mágicas, infrações que envolvem a quebra da palavra empenhada (abandono da família, calúnias, usura, farsas, mentiras e os vários casos de adultérios são narrados). No entanto, apesar das semelhanças dos delitos, há algumas diferenças que precisam ser destacadas. Em primeiro lugar, a presença da violência é muito mais evidente nas *Metamorfoses* que no *Satyricon*; em segundo lugar, o roubo e a rapina é apresentado como feitos dignos de um experiente ladrão nas *Metamorfoses*, sempre levando coisas de valor e em grande quantidade, enquanto no *Satyricon* são roubados pequenos objetos de uso cotidiano.

Considerando este universo de crimes e transgressões que permeia as obras, é possível perceber que ambos autores constroem suas narrativas de maneira a enfatizar que qualquer um está sujeito a infringir as normas, embora as punições recebidas variem de acordo com o *status* social. Assim, encontram-se infrações de personagens ricos e com posses como Lúcio ou a dama de Éfeso ou de personagens pobres como os protagonistas do *Satyricon* e os ladrões das *Metamorfoses*. Diante desta rede de intrigas, crimes e violência, tão engenhosamente elaborada por Petrônio e Apuleio, examino, a seguir, de forma mais detida, o roubo.

Ao ler os escritos de Petrônio ou de Apuleio, nota-se que ambos representam diferentes tipos de ladrões de origem pobre em suas obras. Os termos empregados para designá-los variam de acordo com a situação, há desde palavras que se originam no vocabulário militar até as mais populares presentes no *sermo humilis* que, geralmente, indicam um ato de malandragem ou esperteza⁶. Assim, nas *Metamorfoses*, por exemplo, encontram-se termos *antesignanus* e *commilito* para designar alguns dos bandidos (*Metamorfoses* IV, 11; IV, 20)⁷. Ambos de origem militar, o primeiro é derivado de *signum*, *-i* que significa sinal, marca distintiva e adquiriu um significado especial na linguagem militar, isto é, *antesignanus* é

6 Como mencionado anteriormente, apresento de maneira resumida algumas considerações de estudos anteriores, assim, para maiores detalhes cf. Garraffoni, 2002: 92-120.

7 Alguns exemplos das construções a que me referiro: 1. *Tunc nos in ancipiti periculo constituti vel opprimendi nostri vel deserendi socii, remedium e re nata validum eo volente comminiscimus. Antesignani nostri partem qua manus umerum subit ictu per articulum medium temperato prorsus abscidimus, atque ibi bracchio relicto, multis laciniis offulto vulnere ne stillae sanguinis vestigium proderent, ceterum Lamachum raptim reportamus. Ac dum trepidi regionis arguemur gravi tumultu et instantis periculi metu terremur ad fugam, nec vel sequi propere vel remanere tuto potest [...] –Metamorfoses, IV, 11; 2. Denique tanti doloris impatiens populi circumfluentis turbetis immisceor et, in quo solo poteram celatum auxilium bono ferri commilitoni, sic indaginis principis dehortabar [...] –Metamorfoses, IV, 20.*

aquele que carrega o símbolo que distingue a divisão de uma armada, expressão usada para designar Lamaco, líder do grupo dos bandidos, por exemplo⁸. Já o segundo, *commilito*, é uma palavra derivada de *miles*, *-itis* que significa soldado. *Commilito* é empregado, geralmente, no singular com sentido coletivo, isto é, de exército. A terminação em *-o/ -onis*, é de origem popular, e o neutro *commilitium*, constantemente utilizado pelos autores, pode ser traduzido como camarada, companheiro de combate.

O *Satyricon* também há referências a termos de origem militar, como por exemplo, *commilito*, *-onis* ou *hostis*, *-tis* (*Satyricon*, 82). No entanto, estes não são tão enfatizados como nas *Metamorfoses*: entre as palavras empregadas por Petrônio para designar os ladrões, encontramos, também, termos como *mendax*, *-acis* (mentiroso), *grassator*, *-oris* (vagabundo, desordeiro, ladrão de estrada), ou seja, palavras que expressam uma vida sem destino ou regras e capacidade de enganar e mentir do personagem (*Satyricon*, 82)⁹.

Dentre os diversos termos que presentes nas narrativas, sem dúvida alguma o que mais se repete é *latro*, *-onis*¹⁰. Esta palavra, que deu origem ao termo “ladrão” em português, aparece em uma série de situações e pode assumir diferentes significados: às vezes é empregada com intuito de ofender a alguém¹¹, como na cena cômica em que Gíton acusa Ascilto de ser um ladrão cruel para comover Encólpio, mas o sentido mais comum é para designar um bandido, seja ele violento ou não. Sua origem etimológica também está ligada a um sentido militar: seu significado mais antigo está relacionado ao soldado mercenário grego, infante ou desertor e, por consequência, passou a designar bandido, salteador, ladrão de estrada. Sua forma se refere ainda a *praedo* e a terminação *-o*, *-onis*, de origem popular, como de *commilito*, traz um sentido pejorativo.

O fato de nos depararmos várias vezes com termos de origem militar para designar ações de ladrões me levou a refletir sobre a maneira como Apuleio e Petrônio constroem suas narrativas e como apresentam o mundo destes transgressores. Hidalgo de la Vega (1986), em sua análise sobre a obra de Apuleio, afirma que a figura dos ladrões, seus ataques e aventuras, sempre estiveram presentes na Literatura antiga. Assim, ao estudar as *Metamorfoses*, a historiadora não deixou de comentar as cenas nas quais Lúcio, em forma de asno, presenciou ou ouviu quando viveu ao lado dos ladrões: além de mencionar a pobreza a que estavam submetidos, destaca o modelo militar de atuação destes grupos. A explicação que Hidalgo de la Vega nos fornece para a presença de regras militares nos bandos de salteadores está relacionada ao fato de estes grupos possuírem, entre seus componentes, soldados desertores que poderiam tê-las introduzido.

O limite entre ser soldado ou bandido era muito tênue: não era difícil um soldado profissional, formado em um regime militar rígido e violento e com certa facilidade para obter armas, abandonar o exército e se juntar aos bandos de ladrões. De acordo com um estudo da historiadora Vallejo Girvés (1993), o fenômeno da deserção estava presente no exército romano e muitos textos, oficiais ou literários, informam a preocupação de Roma

8 As análises semânticas dos termos foram realizadas com base nas seguintes obras de referências: Ernout (1967) e Lewis (1987).

9 Um exemplo das construções narrativas a que me refiro: [...] ‘*Quid tu*’ inquit ‘*commilito*, ex qua legione es aut cuius centuria?’ Cum constantissime et centurionem et legionem essem ementitus, ‘Age ergo’ inquit ille ‘in exercitu vestro phaecasiati milites ambulat?’ Cum deinde vultu atque ipsa trepidatione **mendacium** prodidissent, ponere iussit arma et malo cavere. Despoliatus ergo, immo praecisa ultione retro ad deversorium tendo paulatimque temeritate laxata coepi **grassatoris** audaciae gratias agere... –*Satyricon*, 82.

10 Para alguns exemplos, cf: *Metamorfoses* I, 15; I, 23; IV, 8; IV 22; VIII, 17 e *Satyricon* 12; 91.

11 Shaw (1991: 359) e Hooff (1988: 114) afirmam que *latro* era um termo utilizado para designar um inimigo político. Cícero, por exemplo, se referia a seus inimigos Catilina e Verres como *latrones*.

com estes traidores do *sacramentum* militar, pois eles causavam um duplo dano, ou seja, prejudicavam o grupo à que pertenciam e à sociedade civil.

Considerando a fragilidade dos limites que dividiam os soldados dos bandidos, é bem provável, como afirma Hidalgo de la Vega, que sua presença entre os bandos de salteadores tenha introduzido novas regras e valores para manter o grupo unido. No entanto, ressalto que, além das regras, diferentes termos com conotações militares são encontrados em várias passagens das obras de Apuleio e Petrônio para descrever as ações e concepções dos bandidos. A partir de tais evidências, torna-se possível afirmar que estas narrativas, não só expressam a existência de soldados desertores entre os grupos de transgressores, mas também revelam uma concepção de mundo de seus autores fundamentada em valores militares e, conseqüentemente, profundamente ligada ao mundo masculino.

Apesar de estas obras expressarem tal visão de mundo, percebemos em cada autor diferenças na maneira de estruturar seus discursos: enquanto Apuleio apresenta os bandidos como sendo de origem pobre e organizados em grupos para realizarem seus assaltos, Petrônio descreve seus protagonistas, Encólpio, Ascilto, Gíton e mais para o final Eumolpo, como homens de origem humilde que, embora sejam conhecedores das letras, astuciosamente enganam as pessoas para conseguirem realizar pequenos furtos e sobreviverem.

Se prestarmos atenção a estrutura narrativa das obras é possível perceber uma diversidade de situações. No entanto, como Petrônio apresenta as confusões dos protagonistas de maneira hilária foi menos estudado pelos historiadores, enquanto Apuleio, por ter explorado mais a questão militar, foi tomado como modelo para explorar as ações dos bandidos entre os romanos. Mesmo que as cenas narradas por Apuleio apareçam mais realistas, quando analisadas de uma perspectiva intertextual, as cenas também se tornam hilárias: na medida em que são narradas em primeira pessoa pelo protagonista Lúcio, esse apresenta os bandidos como bárbaros e aqueles se enxergam como heróis, o que seguramente garante o espaço do riso. Nesse sentido, Apuleio seria mais uma forma de construir a narrativa sobre bandidos, não sendo a única.

Ressalto essa questão, pois acredito que, embora os relatos nos romances sobre os bandidos de origem humilde tenham sido escritos por membros de uma elite dominante com suas perspectivas éticas e estéticas, a presença da diversidade é constante, contrariando, portanto, as interpretações normativas nas quais prevalecem um modelo único de banditismo a partir da obra de Apuleio, predominando, portanto, o modelo militar de ação. Comprando as obras não é difícil perceber que entre as sátiras, exageros e omissões o roubo não é descrito somente de uma maneira: os personagens possuem diferentes estratégias para realizá-los, utilizando desde a astúcia até a violência, agindo sozinho ou em bando.

Além disso, vale ressaltar que Petrônio e Apuleio elaboraram os episódios mantendo-os sempre sob seu controle, pois alguns personagens morrem violentamente e nenhum consegue superar a pobreza, mas ambos constroem em suas obras um universo de situações em que os ladrões não são totalmente excluídos do convívio social; bandidos e golpistas frequentam os mais variados ambientes, desde os sofisticados até os mais simples e, mesmo que vivam em esconderijos fora das cidades, vendem suas mercadorias roubadas e se infiltram no meio da população para descobrir os tipos de investigações que estão sendo implantadas. Nesse sentido, as sátiras nos permite pensar sobre uma série de aspectos não contemplados nos modelos mencionados, ou seja, mais do que identificarmos se são rebeldes ou não, as sátiras permitem entender o ambiente masculino e militar em que os textos provavelmente circulavam e seus múltiplos significados, desde uma questão mais moral de crítica a deserção e indicação de que o crime não compensa, mais presente em Apuleio, como a diversão e o humor com situações do dia a dia, nem sempre violentas,

mas que acometiam as pessoas comuns em banhos públicos, banquetes, mercados e hospedagens baratas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central dessa reflexão não foi uma tentativa de encontrar ou descrever os bandidos na sociedade romana, mas sim problematizar a questão pensando os modelos interpretativos usados para entender o roubo e a pobreza no mundo romano. Nesse sentido, as sátiras se tornam uma documentação relevante: suas omissões e exageros nos remetem ao campo das possibilidades, das incertezas. Ao lidar com a literatura e humor como documento para se entender um aspecto da história de Roma acredito que estaríamos buscando não aquilo que realmente aconteceu, mas como a literatura, por meio da linguagem, pode apresentar uma diversidade de situação nem sempre observadas na historiografia.

Nesse sentido, acredito que devemos ir além da tensão mencionada anteriormente, entre a perspectiva de rebeldia ou cumprimento da norma e, ao estilo foucaultiano, problematizar as narrativas do passado e do presente. Acredito que esse movimento seja importante para expandirmos nossas compreensões sobre o passado, pois se tentarmos discernir entre realidade e ficção ressaltaremos somente os aspectos mais negativos dos bandidos e criaríamos a ilusão que ladrões e/ou pobres simplesmente seriam bárbaros, violentos e temidos por todos e que, portanto, deveriam ser controlados ou punidos.

O que procurei explicitar, então, com essa reflexão, são as situações que, em geral, passam despercebidas na historiografia sobre o roubo e os bandidos no contexto romano imperial. Em outras palavras, considero o *Satyricon* e as *Metamorfoses* como relatos portadores de diversas linguagens e, por isso, passíveis de serem questionados, analisados e não simplesmente tratados como um mero reflexo ou extensão de algumas normas idealizadas. Ao adotar este outro viés analítico, incluindo a análise filológica dos termos empregados permite elaborar uma leitura que enfatize o caráter heterogêneo da literatura e sociedade romana.

Desta forma, ao retornar ao tema nesse momento e estabelecer um contato mais próximo com as discussões foucaultianas, levando em consideração as alterações nos estudos sobre criminalidade a partir das experiências do GIP, conforme mencionei, finalizo ressaltando que entre sátiras, exageros, alusões e críticas morais, analisar o roubo e os personagens envolvidos significa expandir o horizonte dos estudos, pois torna possível abordar algumas imagens das crenças e religiosidade popular, dos locais que estes personagens de origem humilde costumavam frequentar, suas estratégias de sobrevivência e mesmo seus planos a cada roubo. O que sempre me fascinou e ainda surpreende é que mesmo os discursos eruditos, cada um com sua forma e contexto, apresentam um universo heterogêneo e complexo que nos leva a questionar a base de modelos homogêneos utilizados para interpretar a sociedade romana, desafiando sempre a novos olhares para investigar a vida destes homens e mulheres que, por muito tempo, não tiveram espaço como sujeitos dentro dos estudos históricos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Enrique Gozalbes Gravioto pelo convite para participar do dossiê, a Pedro Paulo Funari, Universidade Estadual de Campinas, por acolhido esse trabalho quando era apenas uma ideia e a Alexandre Cozer, aluno da Universidade Federal do Paraná, por ter me chamado a atenção para a relação das personagens femininas e o roubo na *Priapeia*. A responsabilidade das ideias recai apenas sobre a autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

- Apuleio (ed. 1989), *Metamorphoses*, Coleção Loeb, Londres, Harvard University Press, vols. I e II.
- Justiniano (ed. 1975), *El Digesto*, Pamplona, Editorial Aranzadi.
- Petrônio (ed. 1987), *Satyricon*, Coleção Loeb, Londres, Harvard University Press.
- Petrônio (ed. 1997), *The Satyricon. A New Translation by P.G. Walsh*, Oxford, Oxford University Press.

Bibliografia Moderna:

- ARTIÈRES, P. (2014): “Decir la actualidad: el trabajo de diagnóstico en Michel Foucault”, in Gros, F. (org.) *Foucault: el coraje de la verdad*, Madrid, Arena Libros, 13-32.
- BLÁNQUEZ PÉREZ, C. (1986): *El mundo romano a través de la obra de Apuleyo: delito, delincuentes y castigo en las Metamorfosis*, tese de doutorado apresentada na Facultad de Geografía y Historia da Universidad Complutense de Madrid, Orientador: Jose María Blázquez Martínez.
- BLÁNQUEZ PÉREZ, C. (1987): “Desigualdades sociales y praxis jurídica en Apuleyo”, *Gerión*, 5, 119-131.
- CLOUD, J. D. (1989): “Satirists and the law”, in Braund, S. H., *Satire and Society in Ancient Rome*, Exerte, University of Exerte.
- ERNOUT, A., (1967): *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, Livraria C. Klincksieck, Paris.
- FUNARI, P. P. A. (2002): *Antigüidade Clássica: História e Cultura a partir dos documentos*, Campinas, Editora Unicamp.
- FOUCAULT, M. (1987): *Vigiar e punir*, Petrópolis, Vozes.
- GARRAFFONI, R. S (2002): *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*, São Paulo, Editora Annablume/Fapesp.
- ___ (2013): “Cultura material greco-romana: algumas reflexões acerca do ensino e pesquisa de Arqueologia Clássica no Brasil”, *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, 2, 219-230.
- ___ (2015): “Estudos Clássicos no Brasil: conquistas e desafios”, *Hélade*, 1, 44-53.
- GARRAFFONI, R. S e FUNARI, P. P. A. (2011): “Considerações sobre a busca do antigo no Brasil”, in Rosa, C. B et al. (org.), *A Busca do Antigo*, Rio de Janeiro, Nau Editora, 255-273.
- GARRAFFONI, R. S, FUNARI, P. P. A. e PINTO, R. (2010): “O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes”, in Hingley, R., *O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*, São Paulo, Editora Annablume, 9-25.
- GONÇALVES, C. R. (1996): *A cultura dos libertos no Satyricon: uma leitura*, Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da UNESP/Assis.
- GRIMAL, P. (1981): *A vida em Roma na Antigüidade*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- HÄGG, T. (1991): *The Novel in Antiquity*, Nova York, Basil Blackwell.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. (1986): *Sociedad e ideología en el Imperio Romano: Apuleyo de Madaura*, Madri, Gráficas Ortega.
- HOBSBAWM, E. (1976): *Bandidos*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.

- HOOFF, A. J. L. (1998): "Ancient robbers: reflections behind the facts", *Ancient Society*, 19, 105-124.
- LEWIS, C. T. (1987): *Latin Dictionary*, Oxford, Oxford University Press.
- OLIVA NETO, J. A. (2006): *Falo no jardim – Priapeia grega e Priapeia latina*, Campinas, Editora Unicamp.
- PANAYOTAKIS, C. (1995): *Theatrum Arbitri – Theatrical Elements in the Satyricon of Petronius*, Nova York, E.J. Brill.
- SHAW, B. D. (1991): "El bandido", in Giardina, A. (org.), *El hombre romano*, Madrid, Alianza Editorial, Madrid, 353-394.
- SILVA, G. J. (2010): "Os avanços da História Antiga no Brasil", in Venturini, R. L. B., *História Antiga I: Fontes e Métodos*, Maringá, Editora UEM, 95-127.
- SKIES, E. E. (1975): "Latin literature of the silver age", in *The Cambridge Ancient History*, Cambridge, Cambridge University Press, 708-742.
- TOWNEND, G. (1996): "Literature and society", in *The Cambridge Ancient History*, Cambridge, Cambridge University Press, vol. X, cap. 19.
- VALLEJO GIRVÉS, M. (1993): "Sobre la persecucion y el castigo a los desertores en el ejército de Roma", *Polis – Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 5, 241-251.
- VEYNE, P. (1990): *A Sociedade Romana*, Lisboa, Edições 70.
- VIERIA, P. P. (2015): *A coragem da verdade e a ética do intelectual em Michel Foucault*, São Paulo, Editora Intermeios/Fapesp.
- WALLACE-HADRILL, A. (1996): "Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii", in Cornell, T. J. e Lomas, K. (orgs.), *Urban society in Roman Italy*, Londres, UCL Press, 39-62.
- WALSH, P. G. (1995): *The Roman Novel*, Cambridge, Cambridge University Press.
- WIEDEMANN, T. (1995): *Emperors and Gladiators*, Londres, Routledge.
- ___ (1996): "Single combat and being roman", *Ancient Society*, 27, 91-103.